

# O desafio do “outro” africano: formação da identidade e invenção da(s) África(s) a partir do romance “a geração da utopia” de Pepetela

**João Matias de Oliveira Neto**

Universidade Federal de Pernambuco  
(UFPE)  
j.matias@msn.com

**Resumo:** Neste artigo, tenciono a construção da África com base na própria construção do “outro” enquanto um desafio para as ciências sociais e humanas. A partir de uma reflexão sobre o próprio processo de formação da África, muitos termos e nacionalismos foram utilizados para a chegada a um denominador comum acerca daquilo que define o continente africano, bem como também daquilo que se esvai em diferenças de perspectiva, de regiões e de buscas por esta identidade. Assim, escolho como exemplo meu estudo sobre a obra A Geração da Utopia, do escritor angolano Pepetela, enquanto um processo a partir do qual a dificuldade para a chegada a um entendimento sobre a identidade pode nos revelar um desafio maior: entender como múltiplas identidades foram sendo construídas, em parte como herança de uma visão nacionalista sobre a África, e de que maneira os escritores africanos, à sua maneira, representam-na dentro de contextos específicos.

**Palavras-chave:** identidade; Angola; Pepetela; mestiçagem; nacionalismo; história.

**Abstract:** This article analyses the construction of Africa based on the actual construction of the "other" as a challenge to the social sciences and humanities. From a reflection about the formation of Africa, many terms and nationalisms were used to dissert about what defines the African continent, and also what is Africa in different perspectives, regions and identity. From my study of the novel A Geração da Utopia, of angolan writer Pepetela, we discuss a process

from which the difficulty in arriving at an understanding of identity can prove a greater challenge to us. First, understand how multiple identities are built as a inheritance of a nationalist perspective of identity.

Second, how writers in their own way reflects about Africa within specific contexts.

**Keywords:** identity; Angola; Pepetela; miscegenation; nationalism; history.

## Introdução

Um dos desafios a que me coloquei foi o de buscar entender como perspectivas em torno da identidade em África podem propiciar um diálogo acerca do processo da literatura contribuir com um esclarecimento sobre a própria África, seus dilemas e chaves analíticas. Assim, pesquisando o romance *A Geração da Utopia*, do escritor e sociólogo angolano Pepetela, e comparando-o ao romance *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, deparei com questões intrínsecas ao processo de invenção da nação e da identidade nacional: os dilemas que a identidade teria a nos descortinar mediante um processo de enxergar a literatura como uma via de análise da África.

Para fins de proposição neste artigo que segue, pretendo me centrar na formação da identidade angolana a partir do que se entende por mestiço cultural, hibridismo ou retórica de misturas, conceitos utilizados por Frank Marcon, Inocência Mata e Daniel Conte, estudiosos da obra do Pepetela, para refletir sobre o próprio processo de formação da identidade. Ao mesmo tempo, remeto esses processos de chegada sobre tais conceitos a um arcabouço maior, que visa a discutir o processo de “invenção” da África e as questões históricas e epistemológicas sobre o dilema da formação dessa identidade. O desafio do “outro” africano, como traz o título deste texto, remete ao universo conceitual que permitiu aos pesquisadores chegar a uma compreensão sobre aquilo que distingue, nas pesquisas, o papel deste “outro” nesta “invenção”, muitas vezes aparecendo como um “mesmo” e quase sempre carregando conotações de ordem epistêmica repletas de pressuposições e predispostos ocidentais europeus<sup>1</sup>.

A partir de Mudimbe, a questão sobre a identidade e o modo como um “Mesmo” se coloca para as ciências sociais partiu de uma observação feita pelo autor sobre o papel da literatura para

---

<sup>1</sup> MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Portugal: Edições Pedagogo, 2013.

entender a língua e identidade africana<sup>2</sup>. Para Mudimbe, uma dimensão da produção deste conhecimento sobre África, e sobre a história de África, recorre a uma sensibilidade antropológica e etnográfica de escritores<sup>3</sup>. Não à toa, a escolha pelo romance do Pepetela me descortinou uma dimensão até então improvável de análise de uma obra literária: a percepção de que a construção e as interações entre personagens podem revelar um modo de narrar a nação, principalmente a partir de como estes se relacionam dentro de um universo criado pelo escritor, articulando linguagens, símbolos e códigos próprios de uma Angola subjacente à imaginação do Pepetela.

Assim, parto da construção da nação segundo a noção de Benedict Anderson sobre uma comunidade imaginada a partir da idéia de simultaneidade construída com vínculos imaginários entre indivíduos, bem como de identidade enquanto distinção das propriedades de um “eu” em relação a um “outro” pertencente a um passado histórico em comum, como reflete Hobsbawn e Stuart Hall<sup>4</sup>. Percebo, entretanto, que tal proposição não seria suficiente para problematizar a pluralidade identitária presente no livro do Pepetela, repleto de personagens e de tipos diversos, cuja noção de ancestralidade, mestiçagem e etnia complexifica a relação destes personagens entre si e com a linguagem, os símbolos e os vínculos que lhes concerne.

Portanto, partindo dessa noção de identidade relacional como distinção entre um “eu” e um “outro”, por traços ou elementos indetectáveis do pertencimento deste “outro” a uma determinada comunidade, questiono se a noção de mestiçagem se encontra relacionada ao processo de narrar a própria Angola do livro do Pepetela como descreveria, por exemplo, a importância do elemento raça para a compreensão dos movimentos de unificação da África. Isto é, de que maneira o elemento da identidade estaria articulado com um processo de invenção da África à medida que a raça foi utilizada para o fomento de ideologias ligadas ao desejo de união dos africanos e da própria África?

Porém, quais dimensões possíveis esta identidade angolana possui? A partir de uma leitura sobre os elementos considerados híbridos na obra de Pepetela, também questiono até que ponto a mestiçagem é vista como o “outro” africano ou angolano do qual as teorias sobre a identidade tanto tratam quando falam de raça; ao mesmo tempo, que critérios de alteridade podem ser utilizados na concepção deste híbrido, seja como um fetiche do pós-colonial, seja como limitação

---

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Ibidem: 105.

<sup>4</sup> ANDERSON, 2008; HOBBSAWN, 2000; HALL, 2006.

para não se pensar no “outro” a partir das limitações impostas pelo emblema da negritude e do pan-africanismo?

Sabe-se, entretanto, que os significados do híbrido e do mestiço em Pepetela encontram um sentido próprio dentro de sua literatura: ora a perspectiva de um encontro de fronteiras esgarçadas pelo atlântico, ora a duplicidade de consciência do colonizado ou o sentimento de “incerteza” sobre a sua própria constituição étnica<sup>5</sup>. Mas, nesta proposição que levanto, discuto as aparentes limitações de pensar no híbrido como uma simples “essencialização” da mistura de culturas, quando um sentido para este híbrido pode estar em um processo de “invenção” da África, como também em um processo de “invenção” de Angola pelo Pepetela.

Ao indagar dessa “invenção” de Angola pelo Pepetela, na diversidade de linguagens, símbolos e mitos presentes em *A Geração da Utopia*, analisamos uma premissa anteriormente levantada pelo Mudimbe (2013): a de que uma “consciência negra africana” depende de uma “perspectiva antropológica” que nos revele uma “expressão da condição africana” nas experiências destes escritores<sup>6</sup>. Para o autor, ao representar outra visão diferente da dos colonizadores e antropólogos ocidentais, estes escritores poderiam fornecer instrumentos analíticos de percepção para além das noções estrangeiras sobre África.

### **Uma perspectiva possível sobre Angola**

Atravessada por conflitos diversos, a história da reação à colonização em Angola deita longas raízes sobre a reação à presença estrangeira no país. Segundo René Pelissier, a história da colonização de Angola esteve sempre atravessada por conflitos<sup>7</sup>. A presença efetiva dos portugueses em território angolano deparou com uma resistência polimorfa e constante, uma vez que para o autor este foi o país da África em que as etnias locais resistiram mais vigorosamente, etnias estas que, por sua vez, encontram-se divididas por regiões e, após o processo de independência em 1975, por representações políticas distintas. Tudo isso faz com que a Angola independente seja percebida como a “filha” de uma guerra e de um conflito aberto que se tornou

---

<sup>5</sup> MARCON, F. *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

<sup>6</sup> MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Portugal: Edições Pedagogo, 2013.

<sup>7</sup> PÉLISSIER, René. *História das Campanhas de Angola: Resistência e Revoltas, 1845-1941*. 2 vol. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

mais visível em 1961, mas constituiu-se como o resultado de uma longa série de guerras ou pelo menos de repetições de ações armadas vindas de anos.

Os movimentos de libertação, resultado de uma série de instituições políticas surgidas no século XX, culminaram com o surgimento de três partidos principais: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA)<sup>8</sup>. Cada um deles, segundo Leila Hernandez, representativos de ideologias políticas como também de etnias e regiões específicas de Angola<sup>9</sup>. *A Geração da Utopia*, por sua vez, é um livro que se encaixa dentro de um contexto colonial complexo, porque descreve o momento no qual a luta armada em Angola ganha força, chegando ao conhecimento de estudantes reunidos na Casa dos Estudantes do Império e passando a inquietá-los com relação aos destinos políticos de Angola<sup>10</sup>. Sendo este contexto colonial descrito não apenas como um contexto de imposições que restringiam a participação de angolanos nas atividades públicas, propiciando um crescimento da população portuguesa no país e, certamente, uma sujeição dos angolanos à autoridade de Portugal, segundo Alfredo Margarido esta dominação se deu também através de modelos culturais, fator que se confirma na adoção da língua do colonizador e na imposição de valores culturais europeus em relação aos africanos e angolanos<sup>11</sup>. Mas, ainda segundo Margarido, esta imposição cultural foi perdendo seus limites sobre a colonização cultural, quando a literatura surgiu como uma arma de reação eficaz, passando a materializar a demanda pela independência nos países africanos como também as dúvidas sobre os destinos de cada nação<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Pepetela, por sua vez, pertenceu ao MPLA. Em *A Geração da Utopia*, o personagem Aníbal é reconhecido, por estudiosos do romance, como um personagem que possui traços autobiográficos à medida que ele se torna um intelectual e guerrilheiro bastante consciente dos rumos políticos e nacionais tomados por Angola. Neste personagem, também estariam imersos os dualismos e questões intrínsecas não apenas ao contexto daquele momento, mas a uma proposta literária do Pepetela em outros livros do autor, como o aponta Conte (2008) e Marcon (2007), de refletir sobre a nação e seu próprio processo de formação identitária.

<sup>9</sup> HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

<sup>10</sup> A Casa dos Estudantes do Império foi criada em 1944 com o apoio do governo português sob o pretexto de ajudar e também de controlar os originários das colônias e províncias portuguesas que iam até Lisboa dar continuidade a suas formações escolares. Segundo Melo e Bittencourt (2012), a CEI reunia indivíduos com histórias de vida e projetos políticos os mais diversos: desde os estudantes mais próximos do regime de colonização portuguesa àqueles que o desafiavam. Com os movimentos de independência nos países africanos, iniciados em 1957, a recorrência de debates, colóquios e do acirramento das discussões políticas, a CEI foi encerrada por intervenção da PIDE (Policia Internacional de Defesa do Estado) em 1965.

<sup>11</sup> MARGARIDO, A. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1980.

<sup>12</sup> Idem.

A Geração da Utopia, por sua vez, é um romance que possui quatro capítulos, ambientados nos anos de 1961, 1972, 1982 e 1991, descrevendo diferentes momentos de processos que começaram com a luta armada pela independência de Angola, em 1961, acompanhando um grupo de estudantes e angolanos até o ano de 1991, no qual uma guerra civil permanece dividindo as afirmações políticas do país entre dois partidos<sup>13</sup>. No romance, elementos desta identidade são percebidos no modo como os personagens se reconhecem como angolanos em momentos decisivos para a independência e afirmação do país. E são questões de raça, política e projetos nacionais que descrevem o modo como esses personagens revelam uma idéia preclara de nação em relação a Angola e que alguns estudiosos do autor descrevem como sendo a própria materialização de um país fragmentado por regiões, ideologias e etnias diversas, separando um corpo até então “indiviso” desta identidade<sup>14</sup>.

Em África e, mais especificamente em Angola, esta literatura subjaz de dualismos sobre a identidade, revelando processos de influência da cultura e ciência europeias, sendo a realização material de uma identidade complexa e dual com relação à colonialidade<sup>15</sup>. Mais uma vez, de acordo com Alfredo Margarido, eliminados outros campos onde seria possível a elaboração de um projeto político, os colonialistas não podiam controlar totalmente o campo cultural, fazendo com que esta literatura fosse arma de combate, passando de uma autolegitimação à denúncia da brutalidade do processo colonial, registrando marcas da identidade e a violência do colonialismo<sup>16</sup>.

Esta literatura descreveu processos sociais de aceitação ou de exclusão sobre a influência cultural do colonizador no caso de Angola, ou mesmo criou relações transnacionais de diálogo com outros países colonizados, a exemplo da influência que a própria literatura brasileira exerceu sobre os escritores de África<sup>17</sup>; em especial, Angola e Moçambique<sup>18</sup>. Relações transnacionais que,

---

<sup>13</sup> A Geração da Utopia foi publicado no ano de 1992. Segundo Frank Marcon (2005), após terem sido publicados outros romances referentes aos mesmos processos de pensar a nação angolana, as lutas armadas pela independência e a própria transição para a independência, destacados nos romances *Mayombe*, *Lueji* e *O Desejo de Kianda* (todos de autoria do Pepetela), este livro surgido em 1992 se afigura como um apanhado de uma desilusão coletiva com os muitos projetos nacionais, esperanças e utopias acalentadas com a efervescência política de longos anos.

<sup>14</sup> CONTE, 2008; MARCON, 2005; SECCO, 2008.

<sup>15</sup> MIGNOLO, 2005; MARCON, 2005; MUDIMBE, 2013.

<sup>16</sup> MARGARIDO, A. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1980.

<sup>17</sup> MARCON, F. *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

<sup>18</sup> SOARES, E. V. *Literatura e estrutura de sentimentos: fluxos entre Brasil e África*. Revista Sociedade e Estado, n. 2, Vol. 26, Maio/Agosto, 2011. pp.95-112.

por sua vez, acompanharam um tipo de reação à condição de subdesenvolvimento e associação entre o que seria a colonização e, até então, como se podia pensar a modernidade.

Para Mignolo, a colonialidade, em relação ao processo de formação da identidade, é constitutiva da própria modernidade<sup>19</sup>. Essa colonialidade surge com a formação de um imaginário em torno de processos materiais associados à modernidade e a reação a ela enquanto diferentes níveis de exterioridade da percepção dos indivíduos sobre ela<sup>20</sup>. Atendo-se a essa materialidade da expressão colonial, por exemplo, através da literatura, considera-se que tanto esta seria uma dimensão da produção do vivido, como esta materialidade estaria na adoção da língua e de outros símbolos presentes no processo de colonização<sup>21</sup>.

Em uma discussão sobre a produção da identidade a partir de Mignolo, a noção de uma “duplicidade de consciência” em relação à construção de um mundo moderno se coloca de modo que, na produção de literatura, a presença de um imaginário colonial estaria se questionando a todo tempo a respeito de seus próprios níveis de representação<sup>22</sup>. Para Mignolo, este imaginário surge de uma “complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias”<sup>23</sup>. Fatores, por exemplo, que se revelam no modo como disputas em torno de uma literatura genuinamente nacional se deram em 1982 em Moçambique quando, ao se levantar questões sobre os diferentes níveis de representação de uma nação a que um escritor poderia chegar, um determinado cânone nacional era definido de acordo com valores e símbolos de uma nacionalidade<sup>24</sup>. Ao questionar um determinado valor “essencial” conferido a uma identidade

<sup>19</sup> MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. IN: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro. 2005. pp.71-103.

<sup>20</sup> Segundo Mignolo (2005), sente-se em relação à modernidade o jugo e a violência da dominação colonialista sob o discurso de um suposto desenvolvimento, de um futuro possível àquilo que está associado ao “moderno” e ao “urbano” e das inseguranças que este futuro teria a reservar para os africanos. Penso, por exemplo, na análise de Soares (2014b), refletindo sobre o conceito de dualidade de Fátima Mendonça (2008), sobre o poema *Surge et Ambula*, de Rui Noronha, em que se sente a dualidade entre o “ser africano” e o “ser europeu” relacionada a uma noção particular de progresso, do qual reproduzo um trecho: “Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno... / Ouve a Voz do teu Progresso, este outro Nazareno / Que a mão te estende e diz-te: - África, surge et ambula!” (SOARES, 2014b: 66).

<sup>21</sup> SOARES, E. V. “*Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia*”. *Civitas*, Porto Alegre, n.1, jan-abr, 2014a. p.81-92.

<sup>22</sup> MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. IN: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005. pp.71-103.

<sup>23</sup> Idem: 77.

<sup>24</sup> SOARES, E. V. “*Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia*”. *Civitas*, Porto Alegre, n.1, jan-abr, 2014a. p.81-92.

nacional a partir da literatura, Soares cita o exemplo da recepção do escritor Mia Couto em Moçambique, enfatizando que campos de interpretação da literatura se encontram sujeitos a posições e instituições que os consagram e os rejeitam<sup>25</sup>.

Ainda consciente do processo histórico envolvido na produção de um sentimento nacional a partir da colonialidade, tanto quanto das produções materiais desta consciência a partir da literatura, entendo a opção “de-colonial” sugerida por Mignolo como uma forma de inserção da consciência colonial em uma esfera mais autônoma no modo de produzir este conhecimento<sup>26</sup>. Ao solicitar tal demanda, Mignolo adentra uma aproximação com reflexões sobre uma estrutura de sentimentos em relação ao “ser africano”, questões estas que se referem a uma complexa formação desta identidade na qual à medida que o anti-colonial tanto é uma insatisfação com as injustiças como também esta insatisfação é sentida e pensada “pelo viés do “ser africano” que sente e pensa com as categorias do “ser europeu”, conforme descreve Fátima Mendonça<sup>27</sup>.

A literatura de Pepetela seria uma “convocação” da história à medida que Angola e a formação de uma identidade para seu povo é ideia recorrente em seus romances. Segundo Inocência Mata, a construção de uma ideia do nacional foi pauta de formação de um “cânone literário africano” às voltas das definições sobre o nacional que Pepetela busca reinventar, ressaltando a pluralidade, diversidade e contradições onde só se via unidade e homogeneidade<sup>28</sup>. Em outras palavras, ainda que se tenha um “apanágio” nacionalista, seria pela “convocação” da história para um olhar mais complexo que Pepetela destacaria em seus romances uma preocupação em saber de que maneira a nação pode ser narrada dentro de uma complexidade de experiências, identidades e vivências de seus personagens<sup>29</sup>. Pepetela também fragmentaria uma noção de unidade, ao expor uma diversidade étnica, ideológica e existencial sobre um determinado “corpo de Angola” homogêneo e indistinto, como sugere Carmen Tindó Secco em relação ao fato de o pan-africanismo tender a unificar o ideal de identidade nacional em torno de uma África homogênea e essencialista<sup>30</sup>. E isto seria um dos aspectos que observamos em A Geração da Utopia: através das vivências e interrelações entre seus personagens, haveria a

---

<sup>25</sup> Idem: 88.

<sup>26</sup> MIGNOLO, Walter. *La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso*. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.8: 243-281, Jan-Jun, 2008.

<sup>27</sup> Apud. SOARES, E. V. *Estruturas de Sentimento e formação da literatura em Moçambique: a construção de uma hipótese*. Boletim Oiteiaken, n. 17, Maio, 2014b. P.67.

<sup>28</sup> MATA, I. *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*. Lisboa: Edições Colibri, 1993. P.57-58.

<sup>29</sup> Idem: 60.

<sup>30</sup> SECCO, C. T. (Org). *A Magia das Letras Africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

complexa formação de uma identidade angolana como também de uma determinada idéia de nação sobre Angola.

No romance, também surge uma questão sobre o lugar do mestiço em uma revolução que antepõe “negros e brancos”, ressaltando que intelectuais mestiços, como é o caso do personagem Anibal, não são bem aceitos entre outros militantes negros e brancos de distintos países da África<sup>31</sup>. A mestiçagem, neste romance, aparece subsumida a uma noção de “retórica da mistura”, como sugere Frank Marcon, que define a mestiçagem como retóricas de um hibridismo acerca de um sincretismo ou cruzamento entre culturas no qual, dentro de um sentimento de dualismo com relação ao próprio colonialismo, subentende-se uma relação ainda paradoxal da superação e da continuidade entre o colonial e o pós-colonial<sup>32</sup>. Uma vez que Pepetela faz uso de personagens e contextos para a recriação de mitos da origem do nacional, discute-se os ideais desta nação e suas contradições entre o tradicional e o moderno<sup>33</sup>. Então, chegaríamos à conclusão de que a mestiçagem neste romance diz respeito àqueles que não detêm os “significantes evidentes do enraizamento, pois paira a dúvida e a ambiguidade de sua existência”<sup>34</sup>. Um exemplo desta discussão se encontra na personagem Sara<sup>35</sup>.

Para Frank Marcon, Pepetela também ultrapassa o contexto da nação por representar uma crise dos discursos, ao evidenciar a interface com a alteridade que esgarça fronteiras territoriais e imaginárias. É o caso, por exemplo, da relação que Pepetela tem com o Brasil e a literatura brasileira, havendo uma relação transatlântica com influências culturais decisivas na literatura deste autor. O essencial, portanto, seria entender que o contexto pós-colonial na obra de Pepetela

---

<sup>31</sup> Idem: 55.

<sup>32</sup> MARCON, F. *Escritores angolanos, fronteiras perdidas e identidades contemporâneas*. In: Tomo – Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe. No. 1 (1998). São Cristovão – SE, n.10, jan/jun, 2007.

<sup>33</sup> SECCO, C. T. (Org). *A Magia das Letras Africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008. P.110.

<sup>34</sup> MARCON, F. *Escritores angolanos, fronteiras perdidas e identidades contemporâneas*. In: Tomo – Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe. No. 1 (1998). São Cristovão – SE, n.10, jan/jun, 2007. P.117.

<sup>35</sup> Como um exemplo, a personagem Sara, em *A Geração da Utopia*, é isolada pelos angolanos das discussões sobre os levantes armados contra o jugo português por ser branca; em um momento da narrativa, ela questiona a sua própria ancestralidade: filha de pai português e mãe angolana, ela se reconhece como uma angolana que se vê em contato clandestino com um intelectual mestiço (Anibal), além de namorar um jogador de futebol negro (Malongo), sendo vez e outra reprimida tanto pelas tendências políticas como pela relação com Malongo. Sara, portanto, poderia ser considerada “mestiça” por levar consigo uma ancestralidade portuguesa e angolana. Para Frank Marcon (2005), a dimensão da ancestralidade tem um contributo muito importante para pensar os traços de alteridade que constituem uma identidade nacional a partir de detalhes como o desta personagem.

se manifesta a partir da memória e de encontros coloniais<sup>36</sup>. E estes perfazem tanto menções ao Brasil como a retóricas da mistura ou do “hibridismo cultural”<sup>37</sup>. Tal perspectiva faz com que a nação seja a experiência de seus conflitos, da mestiçagem, da experiência colonial em suas diferenças políticas, étnicas e regionais<sup>38</sup>. Ao fim, fica parecendo que a noção de uma ausência de fronteiras, do híbrido e do “mestiço cultural” é um desafio que está presente na literatura do Pepetela e que o próprio tenta impor ao personagem Aníbal, o mestiço do romance *A Geração da Utopia* que carrega traços autobiográficos do próprio autor.

A mestiçagem, sendo linguagem, descreve parte dos aspectos que aproximam as interrelações dos personagens destes romances e descreve processos de alteridade inseridos na própria formação de uma identidade. Tomamos por alteridade as marcas ou traços de avaliação próprios de um “eu” em relação a um “outro”. Processos que, para Mudimbe revelam a presença de sistemas culturais a partir dos quais se pode pensar nas características conferidas ao Mesmo e ao Outro segundo o modo como estas diferenças foram construídas historicamente<sup>39</sup>. E, segundo Borges, a respeito do antropólogo sul-africano Archie Mafeje, tal alteridade pode ser observada não somente pelo corpo de tradições que criou dentro da antropologia, mas pelos processos de chegada a esta mesma alteridade, na qual o outro não seria somente um “outro” em termos metodológicos e funcionais, mas um “outro” capaz de produzir um conhecimento segundo suas próprias categorias<sup>40</sup>. Em outras palavras, questiono ainda se uma limitação no modo como percebemos a “alteridade” em um contexto colonial pode ser resolvido pela análise dessas obras, ao observar a construção da nação e da identidade nacional através de uma postura epistemológica sensível ao diálogo intercultural, como também propõe Mudimbe, e ao sugerir o “olhar antropológico” sobre os escritores africanos como um modo de aproximação com a África a partir de suas experiências e locais de fala.

### **A invenção da(s) África(s)**

<sup>36</sup> Segundo Márcio Seligmann-Silva (2005), a noção de um passado é sempre a “construção do presente” porque está voltado para questões atuais, estando o lugar da memória mais afeito à construção de uma identidade do que ao registro estanque de um passado. Assim, os discursos da memória articulam questões de poder e de política à medida que reagem a momentos de “catarse coletiva”.

<sup>37</sup> MARCON, F. *Escritores angolanos, fronteiras perdidas e identidades contemporâneas*. In: Tomo – Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe. No. 1 (1998). São Cristovão – SE, n.10, jan/jun, 2007. p.117

<sup>38</sup> Idem: 109.

<sup>39</sup> MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Portugal: Edições Pedagogo, 2013.

<sup>40</sup> BORGES, Antonádia et al. *Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa*. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 347-369, Mai./Ago, 2015.

Indiretamente, neste texto, citamos o personagem trabalhado por K. Appiah em seu livro *Na casa de meu pai: A. Crummell*, um dos pais do nacionalismo africano. Para Appiah, personagens como o Crummell são o exemplo das preocupações acerca do continente africano viver entre dicotomias preclaras do início do século XX: o tradicional e o moderno nos termos em que se toma de empréstimo de outros lugares<sup>41</sup>. Crummell, conforme descrito pelo autor, é um racista intrínseco, isto é, alguém que credita à herança racial por sangue e herança um caráter capaz de aproximar os distanciados africanos perdidos no ‘novo mundo’. Na raiz deste ideal, encontra-se o pan-africanismo, a crença em pensar que o povo africano é um único povo, a ser concebido como uma unidade política natural, sendo a raça um conceito norteador desta união.

Se há contribuições para o modo como Crummell encarou o conceito de raça, enquanto um conceito norteador para o entendimento do continente africano e, digamos, o início de um certo “desconforto” da experiência de muitos africanos em um mundo europeizado, estas seriam o fato de que pela primeira vez houve a articulação de uma visão comum da África pós-colonial, descortinando parte da situação do continente africano no pós-guerra. Entretanto, esta ‘solidariedade racial dos negros’ encontra limites nas experiências heterogêneas de negros fora da África e em seus próprios continentes de habitação, uns mais solapados pelo colonialismo, outros em convívio mais “harmônico” com o branco europeu ou americano.

Para Appiah, a noção de raça fora herdada do continente africano por intelectuais no Novo Mundo que pensaram a relação entre raça e pan-africanismo. Segundo um de seus teóricos, Du Bois: “ser membro de uma raça implica a posse de certos traços e inclinações, sendo a noção de raça menos pensada do que sentida”<sup>42</sup>. O que se apresenta como interessante, no entanto, é o modo como esta noção de raça se aproxima de uma perspectiva de identidade africana, muito embora a raça aqui seja tratada por pressupostos de hereditariedade biológica, mesmo que dando primazia a um nacionalismo unido pelo “sangue” e pela “pele”; em outra via, no aspecto cultural, a compreensão de povo implica a formação de uma nação, mais próxima, portanto, da formação da identidade nos termos em que trabalhamos com ela, isto é, como a seleção de linguagens, símbolos e marcas culturais presentes em sujeitos descentrados pela história.

---

<sup>41</sup> APPIAH, Kwami Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

<sup>42</sup> Idem.

Para continuar na crença de Crummell, ou seja, a conquista de uma independência e unidade africanas pela via do pan-africanismo, mas também como um modo de revestir a África do conhecimento, cultura e valores externos, questionamos a visão a partir da qual a busca por “qualidades internas” estaria na potencialização da absorção da cultura do colonizador. Neste sentido, a aceitação do racismo como norteador de uma herança africana de sangue e, ao mesmo tempo, tributária do seu futuro na cristianização e europeização da cultura africana, pode estar no cerne do nacionalismo pan-africanista, mas com as limitações que um tipo de “racismo intrínseco” pode ter para com a sua associação a um ideal nacionalista.

De acordo com Boahen, até 1880 a África era governada por seus próprios reis, rainhas, chefes de clãs e de linhagens, em impérios, reinos, comunidades e unidades políticas de porte e natureza variadas<sup>43</sup>. Qual seria, portanto, a reação dos africanos perante a irrupção do colonialismo, trazendo consigo uma mutação na natureza das relações existentes entre eles e os europeus nos três últimos séculos? Embora repleto de histórias e dissonâncias acerca de uma suposta “harmonização” do conflito contra o colonialismo, torna-se significativo dizer que a maioria dos dirigentes africanos optou sem hesitar por defender sua soberania e independência, apesar das desvantagens em relação à própria estrutura política e econômica das colônias. As diferenças de tática e de estratégia para defender esta soberania foi que gerou, por exemplo, discussões sobre as estratégias ora diplomáticas, ora militares para a resolução dos confrontos e defesa de um objetivo em comum, a soberania dessas regiões.

Ora, parte de uma perspectiva eurocêntrica a concepção de que para o processo de colonização africano houve a presença de colaboradores, ao se observar que determinados grupos étnicos se aliaram ao “invasor”, ainda que os países africanos não pertençam a apenas um grupo étnico. À margem desta falsa dicotomia, a exploração dos recursos africanos foi empreendida, mesmo tendo sido resultado de um longo histórico de resistências e de lutas armadas, como foi o caso de Angola<sup>44</sup>. A resistência, portanto, deu-se de várias formas, estando o estigma de colaboração refém de uma percepção tomada de uma historiografia eurocêntrica, sobretudo para com as especificidades de cada etnia, região e comunidade em luta contra o jugo colonial. E

---

<sup>43</sup> BOAHEN, Albert Adu. *A África diante do desafio colonial*. In BOAHEN, Albert Adu (editor). *História Geral da África – v. VII – África sob dominação colonial. 1880-1935*. São Paulo, Cortez; Brasília, UNESCO, 2011. Pp. 1-20.

<sup>44</sup> PÉLISSIER, René. *História das Campanhas de Angola: Resistência e Revoltas, 1845-1941*. 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

mesmo as novas elites intelectuais, na articulação do sentimento em torno dos movimentos de resistência, serviu-se dos quadros de estruturas políticas pré-coloniais. Isto é, eram eles mesmos produtos do sistema colonial, ao sair das estruturas escolares e financeiras dos países colonizadores.

Mais uma vez, o perigo da identificação de categorias e conceitos africanos como sendo absolutos para um “resumo” da situação na África incorre em graves equívocos, haja vista tendermos a assumir o pressuposto de uma formação da identidade e da própria África como oriunda da influência de sistemas culturais externos e de uma episteme eminentemente europeia. Eis a origem dos cuidados para não assumir a visão eurocêntrica sobre processos mais complexos do que aparentam. Crummell, por sua vez, encaixa-se nesta perspectiva, destacada por Boahen:

Estando a direção das atividades nacionalistas e anticolonialistas concentrada nas mãos dos intelectuais africanos, que na sua maior parte viviam nos novos centros urbanos, passou -se a identificar, incorretamente, o nacionalismo africano do entreguerras exclusivamente com esta camada social, caracterizando-o como um fenômeno inicialmente urbano.<sup>45</sup>

E esta, portanto, seria a raiz de uma percepção sobre a influência destes intelectuais dos grandes centros sobre os africanos nas distantes colônias de além-mar. O nacionalismo africano, por isso, surge de um pan-africanismo ou de um movimento de negritude que privilegia esta percepção sobre uma África à época de Crummell distante e ainda desconhecida, escondendo sob a aparente “facilidade” de um “corpo indiviso” complexidades e formas próprias de se pensar uma experiência e existência histórica e epistemológica sob as luzes de seus próprios habitantes.

De outro lado, é válido pensar que o movimento negritudista, ou de negritude, como propõe Petrônio Domingues, viria sob uma proposta de negar a política de assimilação cultural, ao enaltecer valores e símbolos culturais de matriz africana, ainda que irmanados de pressuposições coloniais sobre a identidade africana e de sua suposta “elevação do espírito”<sup>46</sup>. Sobre isto, um dos seus representantes, o poeta Leopold Senghor, sustentou a tese de pensar uma “alma negra” como algo inerente à estrutura psicológica de um africano cuja “natureza emotiva” viria à tona, em detrimento da racionalidade do branco. Em tal perspectiva de análise, a subjugação da

---

<sup>45</sup> BOAHEN, Albert Adu. *A África diante do desafio colonial*. In BOAHEN, Albert Adu (editor). *História Geral da África – v. VII – África sob dominação colonial. 1880-1935*. São Paulo, Cortez; Brasília, UNESCO, 2011. p.16.

<sup>46</sup> DOMINGUES, Petrônio. *Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica*. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, jan.-jun, 2005.

inteligência do negro estaria subsumida àquilo que lhe concerne, isto é, a emotividade e não a inteligência; o abstrato e o espiritualismo, não a racionalidade. Um preconceito, portanto, que credita uma aparente “qualidade intrínseca”, a emotividade, escamoteando um defeito “incurável”, a inaptidão à inteligência, ao conhecimento científico e desenvolvimento tecnológico.

Para Domingues, o discurso da negritude na África apenas sensibilizava a elite colonial negra, que vivia materialmente e espiritualmente nos moldes do colonizador<sup>47</sup>. Uma das vantagens, entretanto, destacada pelo movimento da negritude foi a de conferir às especificidades da luta colonial dos africanos e negros uma certa consciência, em conflito com o marxismo ortodoxo, crente em uma luta universal única e exclusivamente contra o capitalismo, muito embora a influência marxista tenha constituído um instrumental teórico fundamental no despertar da necessidade de uma consciência negra crítica e autônoma. Porém, esta consciência, embora reagindo a uma opressão, poderia negar suas especificidades não-classistas, uma vez que mesmo a construção da consciência racial sendo um movimento em favor dos oprimidos, não o era apenas para o despertar da consciência de classe, tal qual como era para os brancos operários.

A negritude, em outras palavras, é entendida como uma fase de transição, uma passagem e não um término, para a construção de uma sociedade despida de opressão racial. Ainda segundo Domingues, assumindo um conteúdo subversivo na afirmação dos valores negros, o movimento negritudista assumiu parte de uma episteme europeia, ao identificar-se com a luta marxista de deposição das estruturas econômicas que mantinham o colonialismo<sup>48</sup>. Entretanto, esta negritude também se configurou como um resgate da humanidade do negro, ao repudiar os valores estéticos da civilização ocidental. Movimento literário em seus primórdios, fruto de um sentimento de frustração de intelectuais africanos e antilhanos de língua francesa por não se sentirem representados pela cultura ocidental de matriz europeia, o movimento de negritude também recaiu na crítica feita ao pan-africanismo, acerca de uma África imersa nos anseios de liberdade, solidariedade e fraternidade, oriundos de um desejo de elites culturais francesas; ou ainda na aceitação de uma tese sobre a alma negra emotiva e, incipientemente, apta à “evoluir” para uma espécie de estado de “espírito elevado”.

Segundo Ki-zerbo, um dos princípios desta união do continente africano em torno de características “próprias” que apontem para uma “solidariedade negra” também se encontra na

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Ibidem.

construção dos valores políticos<sup>49</sup>. O autor parte do princípio de que bases de valores foram capazes de formar valores políticos em África. Assim, entre a crença em uma espécie de “coletivismo” orgânico à constituição da África pré-colonial e o liberalismo que aludia aos princípios de liberdade que fomentaram os interesses por independência nas colônias africanas. Estes valores, para o autor, influíram sobre a propensão da África a determinados conceitos políticos, a exemplo do socialismo, movimento para o qual havia todo o clima intelectual, mas que fatores sociológicos se insurgiram veementemente. Porém, e em todo caso, os dirigentes africanos progressistas tornaram-se “socialistas” pelo desejo de serem nacionalistas<sup>50</sup>.

Como se pode perceber, as discussões a respeito de tratar a África dentro de suas generalidades, que levam a laços em busca de uma unidade política e cultural, ou dentro de suas particularidades, que reforça a independência e a liberdade dentro de seu próprio território, leva a discussões sobre de que maneira uma identidade é articulada nas muitas narrativas sobre a África. Em Angola, segundo Kandjimbo, a dicotomia entre o saber endógeno e o universal encontra em uma divisão entre angolanidade e criolidade sua forma mais articulada<sup>51</sup>.

Para Kandjimbo, a criolidade faz um apelo a “ressonâncias da visão imperial do colonialismo português” à medida que se revela como uma visão eurocêntrica de compreender o mundo angolano. Por extensão, a angolanidade torna defensável o pluralismo cultural, tensionando a necessidade de um diálogo intercultural e negando uma certa “pureza” das culturas à medida que também nega a visão lusotropicalista que “harmoniza” uma visão colonial com a história do país.

As dimensões para a construção da identidade africana ou angolana, portanto, tem origens diversas dentro do debate intelectual sobre a África e os africanos. Um dos temas que surge, ao se enxergar o modo como Pepetela aborda a formação da identidade angolana seria pela retratação de um mestiço cultural ainda incompreensível. Para Kandjimbo, admitir a realidade histórica que moldou e molda a cultura angolana é entender que a compreensão equivocada do “mestiço cultural” é parte deste histórico de entendimento sobre a identidade africana. Um histórico, em

---

<sup>49</sup> KI-ZERBO, Joseph et al. *Construção da Nação e evolução dos valores políticos*. In MAZRUI, Ali A. e WONDJI, Christophe (editor). *História Geral da África – v. VIII – África sob dominação colonial. 1880-1935*. São Paulo, Cortez; Brasília, UNESCO, 2011. pp. 565 – 602.

<sup>50</sup> Idem: 587.

<sup>51</sup> KANDJIMBO, Luis. *O Endógeno e o Universal na Literatura Angolana*. Comunicação apresentada no painel cultural do Seminário sobre a Realidade Política, Económica e Cultural de Angola, Paris 6-9 de Novembro, realizado pela Embaixada de Angola em França por ocasião da Festa Nacional. 2001. Disponível em: <http://www.nexus.ao/kandjimbo/SEMINARPAR.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2016.

outras palavras, que tende a enxergar o “mestiço cultural” como parte de uma noção de pureza de raça. Então, quando se questiona a validade da noção de angolanidade, explicita-se o desafio de perceber as tentações hegemônicas de outras teorias consagradas pela história do colonialismo em Angola.

Em sintonia, Mudimbe e Borges também descrevem a necessidade de uma “descolonização epistemológica” para a percepção de detalhes que, na visão de Kandjimbo, levam a um esclarecimento sobre esta angolanidade como uma forma de pensar um conhecimento endógeno fora da dicotomia do universal contra o endógeno, assumindo o desafio de um endógeno-universal na produção do conhecimento<sup>52</sup>. Não à toa, Kandjimbo também propõe um diálogo intercultural a partir do qual deve emergir o princípio da caridade e do respeito entre culturas dialogantes e, ainda mais, um diálogo intercultural para superar limitações que impossibilitam perceber o que caracteriza o relativismo e certos tipos de universalismo, sobretudo em termos de linguagem.

E questiona-se, qual o lugar a partir do qual se fala, se lê e se interpreta a literatura angolana? Um esforço de “exorcização” da mentalidade colonial, interiorizando esta mentalidade para um maior esclarecimento sobre o conhecimento produzido por africanos dentro da realidade africana, também é um dos pontos abordado por Mudimbe e sua noção de gnosis africana. Em outro sentido, Fátima Mendonça também aponta para armadilhas ideológicas por trás do conceito de hibridismo<sup>53</sup>. A autora, por sua vez, amplia o significado do conceito de “híbrido” para defini-lo como uma “transculturação” que possibilita a leitura do corpus literário produzido por e contra os sistemas literários trazidos pela colonização.

Para Fátima Mendonça, a criação de personagens em narrativas de romances africanos se encontra sujeita a um ponto de vista sobre a sua recepção<sup>54</sup>. Deste modo, a eficácia que baliza o seu reconhecimento ficaria refém de ser interpretada como elementos integrantes de sistemas literários supostamente nacionais, por exemplo, ao integrar a figura do anti-herói em um entre-lugar confortável para que este não assuma uma identidade específica, moldando-o de acordo com um cenário colonial que justificaria suas ações.

---

<sup>52</sup> MUDIMBE, 2013; BORGES, 2015; KANDJIMBO, 2001.

<sup>53</sup> MENDONÇA, Fátima. *Hibridismo ou estratégias narrativas? Modelos de herói na ficção narrativa de Ngugi wa T’hiongo, Alex La Guma e João Paulo Borges Coelho*. In SILVA, Teresa Cruz e; COELHO, João Paulo Borges. *Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas*. Dakar, CODESRIA, 2012. p. 145.

<sup>54</sup> Idem.

Vê-se, portanto, que essas questões que denotam a aparente singularidade e particularidade das obras do Pepetela também são marcadas por recepções de sistemas literários, idéias, instituições e um conhecimento que dialoga, desde sempre, com um ponto de vista histórico e de formações ideológicas. A visão deste todo, em suas singularidades e estratégias narrativas, tanto nos dá a dimensão de quantas Áfricas foram criadas a partir de quem as narrou, como até que ponto o romance do Pepetela nos revela uma recepção crítica passível de ser questionada, entre elementos de identidade que se fazem e desfazem dentro de sua própria experiência de existência.

### Considerações finais

Ao longo deste artigo, propus uma reflexão sobre a formação de identidade e questões históricas sobre esta identidade africana, atravessada por percepções e ideologias ora distintas, ora aproximadas em seus objetivos claros. Para todos os efeitos, quis aqui demonstrar o quanto assumir uma postura pelo “hibridismo” ou “mestiçagem” pode acabar engessando concepções mais plurais sobre a identidade angolana, quando não remetendo esta noção de mestiçagem à maneira como ela foi tratada pelo lusotropicalismo, isto é, de legitimação da presença do europeu a partir do paradigma da raça não como um modo de tensionar esta presença, mas de aceita-la sem questionar.

Reafirmo, ao final deste artigo, a opção por uma leitura do Pepetela a partir do paradigma da identidade angolana em seus personagens<sup>55</sup>. Se, de acordo com Fátima Mendonça, a recepção influi sobre a criação destes personagens, significa que eles têm algo a nos dizer, e mais do que a mera criação ficcional pode representar – representação que já tem muito a nos dizer<sup>56</sup>; ou ainda, que o escritor não se furta de abordar personagens dentro de um determinado paradigma para não romper ou, em outra via, ir de encontro a uma tradição de cânone, algo que somente uma análise mais profunda deste campo tende a nos dizer.

---

<sup>55</sup> PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

<sup>56</sup> MENDONÇA, Fátima. *Hibridismo ou estratégias narrativas? Modelos de herói na ficção narrativa de Ngugi wa T’hiongo, Alex La Guma e João Paulo Borges Coelho*. In SILVA, Teresa Cruz e; COELHO, João Paulo Borges. *Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas*. Dakar, CODESRIA, 2012. Pp. 239 – 246.

Em termos de formação da identidade e invenção da África, a parte histórica deste artigo pretendeu demonstrar como um personagem destacado por Appiah, Crummell, pode nos contar uma determinada história da África tanto quanto o Pepetela em seu romance, ou a partir de seus personagens<sup>57</sup>. Logo, a estratégia de apresentar primeiro uma perspectiva sobre Angola para, depois, saber de que modo estas perspectivas sobre a identidade se construíram na historiografia e ciências sobre a África é um modo de perceber epistemologicamente o “olhar antropológico” de escritores africanos e sua recepção como, também, autores de narrativas sobre a África. E, além do mais, a partir delas conferir que traços de aproximação e distanciamento autores como Crummell ou Leopold Senghor tiveram com a África e, ao mesmo tempo, Pepetela, dentro de sua recepção acerca de questões sobre a mestiçagem e a identidade angolana.

#### Referências bibliográficas

ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPIAH, Kwami Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BOAHEN, Albert Adu. A África diante do desafio colonial. In BOAHEN, Albert Adu (editor). *História Geral da África – v. VII – África sob dominação colonial. 1880-1935*. São Paulo, Cortez; Brasília, UNESCO, 2011.

BORGES, Antonádia et al. *Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa*. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 347-369, Mai./Ago, 2015.

CONTE, D. *Calados por Deus ou de como Angola foi arrasada pela história: os tons do silêncio no processo de construção da identidade angolana e sua representação na ficção de Pepetela*. 252 f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Suporte eletrônico.

---

<sup>57</sup> APPIAH, Kwami Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica*. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HALL. S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. *Etnia e Nacionalismo na Europa de Hoje*. In: BAIKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp. 271-282.

KANDJIMBO, Luis. *O Endógeno e o Universal na Literatura Angolana*.

Comunicação apresentada no painel cultural do Seminário sobre a Realidade Política, Económica e Cultural de Angola, Paris 6-9 de Novembro, realizado pela Embaixada de Angola em França por ocasião da Festa Nacional, 2001. Disponível em: <http://www.nexus.ao/kandjimbo/SEMINARPAR.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2016.

KI-ZERBO Joseph et. al. *Construção da Nação e evolução dos valores políticos*. In MAZRUI, Ali A. e WONDJI, Christophe (editor). *História Geral da África – v. VIII – África sob dominação colonial.1880-1935*.São Paulo, Cortez; Brasília, UNESCO, 2011. pp. 565 – 602.

MENDONÇA, Fátima. *Hibridismo ou estratégias narrativas? Modelos de herói*

*na ficção narrativa de Ngugi wa T'hiongo, Alex La Guma e João Paulo Borges Coelho*.

In SILVA, Teresa Cruz e; COELHO, João Paulo Borges. *Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas*. Dakar, CODESRIA, 2012. Pp. 239 – 246.

MATA, I. *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*. Lisboa: Edições Colibri, 1993.

MARGARIDO, A. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1980.

MIGNOLO, Walter. *La opción de-colonial: desprendimiento y apertura*. Un manifiesto y un caso. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.8: 243-281, Jan-Jun, 2008.

MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. IN: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005. pp.71-103.

MARCON, F. *Escritores angolanos, fronteiras perdidas e identidades contemporâneas*. In: Tomo – Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe. No. 1 (1998). São Cristovão – SE, n.10, jan/jun, 2007.

\_\_\_\_\_. *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Portugal: Edições Pedagogo, 2013.

PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PÉLISSIER, René. *História das Campanhas de Angola: Resistência e Revoltas, 1845-1941*. 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. 2 vols.

SOARES, E. "Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia". Civitas, Porto Alegre, n.1, jan-abr, 2014a. p.81-92.

\_\_\_\_\_. *Estruturas de Sentimento e formação da literatura em Moçambique: a construção de uma hipótese*. Boletim Onteiken, n. 17, Maio, 2014b, p.59-68.

\_\_\_\_\_. *Literatura e estrutura de sentimentos: fluxos entre Brasil e África*. Revista Sociedade e Estado, n. 2, Vol. 26, Maio/Agosto, 2011, pp.95-112.

SECCO, C. T. (Org). *A Magia das Letras Africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local da Diferença: Ensaio sobre Memória, Arte, Literatura e Tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

**João Matias de Oliveira Neto:** Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (2013). Bacharel em Ciências Sociais (Habilitação em Sociologia) pela Universidade Federal de Campina Grande (2013) e bacharel em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela Universidade Estadual da Paraíba (2010). Possui interesse por Pensamento Social Brasileiro, Sociologia da Cultura e Sociologia da Literatura, com foco nas relações entre intelectuais, instituições, biografias, identidade nacional e produção intelectual. Membro associado da Sociedade Brasileira de Sociologia.

**Artigo recebido para publicação em:** Março de 2016.

**Artigo aprovado para publicação em:** Junho de 2016.